CORREIO DO POVO

Calor que mata
Cada vez mais frequentes em tempos de emergência climática, ondas de calor são perigosas para a saúde

Casa da Memória
Espaço na rua Santa Terezinha, bairro Farroupilha, se consolida no cenário cultural de Porto Alegre

Voluntariado
Uma iniciativa conjunta busca levar atendimento médico e psicológico a pessoas afetadas pelas cheias

ANO 129
Nº 267
PORTO ALEGRE, DOMINGO 23/6/2024

RS, SC: 4,50 | POA: 4,00

ANDRÉ DONADIO / GPA / CP

+DOMINGO

Na água para ajudar

Clubes de regatas de Porto Alegre e Região Metropolitana contabilizam altos prejuízos e atletas deixam de participar de competições importantes, mas todos se juntam para prestar auxílio aos atingidos pela enchente

+tempo

Frente fria traz chuva neste domingo

O domingo terá instabilidade no Rio Grande do Sul pelo avanço de uma frente fria que traz chuva para grande parte do Estado. Isoladamente, a chuva pode ser forte. Apesar da instabilidade, períodos sem chuva e com aberturas devem ocorrer em várias cidades. No Sul do Estado, o tempo apresentará melhoria após começo de dia com chuva. Uma massa de ar frio começa a ingressar pelo Sul com queda de temperatura enquanto a Metade Norte tem temperatura mais alta e abafamento.

Previsão para Porto Alegre:

DOMINGO

18º 24º

SEGUNDA

13º 17º

GRUPO RECORD RS

CORREIO DO POVO

FUNDADO EM 1° DE OUTUBRO DE 1895
EMPRESA JORNALÍSTICA CALDAS JÚNIOR

DIRETOR PRESIDENTE
Marcelo de Sousa Dantas
presidencia@correiodopovo.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO
Telmo Ricardo Borges Flor
telmo@correiodopovo.com.br

DIRETOR COMERCIAL
João Müller
jmuller@correiodopovo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Fone (51) 3216.1600 e 0800.0099100
atendimento@correiodopovo.com.br
Atendimento presencial:
Rua Caldas Júnior, 219
das 8h30min às 17h
Redação: Rua Caldas Júnior, 219
Porto Alegre, RS
CEP 90019-900 | Fone (51) 3215-6111

COMERCIAL
Atendimento às Agências: (51) 3215.6169
Teleanúncios: (51) 3216.1616
anuncios@correiodopovo.com.br
Operação Comercial: Fone (51) 3215-6101
ramais 6172 e 6173
opec@correiodopovo.com.br

FILIADO

VENDA DE ASSINATURA
Fone (51) 3216-1606

Modalidade	Capital-POA	Interior RS/SC/PR
Digital (todos os dias)	R$48,00	R$ 48,00
Imp. Sáb./Dom.	R$ 71,00	R$ 78,00
Imp. Seg. a Sex.	R$ 94,00	R$ 103,00
Imp. Seg. a Dom.	R$ 109,00	R$ 119,00

VENDA AVULSA
Capital-POA: R$ 4,00
Interior/RS e SC: R$ 4,50
Demais Estados: R$ 6,00 mais frete

+fotocorreio

Leia mais em correiodopovo.com.br/blogs/**fotocorreio**

Foto: Pedro Piegas | Texto: Paulo Mendes

Se este fusca falasse

Ah, se este fusca falasse. Quem sabe diria coisas que nem eu ou você, querido leitor, querida leitora, estamos tentando dizer há dias, semanas, meses, e não conseguimos. Porque já expressamos tudo o que podíamos, esgotamos todas as palavras de nosso dicionário e agora já estamos sem forças, quietos e mudos. Impávidos. Primeiro, a enchente nos encharcou, depois, nem andar por nossas ruas amigas e conhecidas podemos em função de tantos destroços, entulhos e lixo nas ruas. Agora, estamos embarrados, sujos e envergonhados, por nada poder fazer para mudar este quadro que tanto nos angustia. Se este pequeno carrinho pudesse exprimir suas tristezas, talvez pedisse por um banho quente, um teto seco, um local seguro para ficar estacionado. Quieto e em paz. Quem sabe? Talvez lembrasse a nós, humanos, que é preciso respeitar a natureza, não subestimá-la como nós estamos fazendo todos os dias, para não sofrer as terríveis consequências. Ou então, seja até bom que não fale. Seria horrível ouvir suas queixas, as mesmas que alguns ainda teimam em não ouvir, porque não se comovem ao enxergar as nossas almas enlameadas.

+opinião

Leia mais em correiodopovo.com.br/**colunistas**

Taline Oppitz

Tensão aumenta

Passados quase dois meses do começo da tragédia no Rio Grande do Sul, aumenta a tensão entre as autoridades, apesar dos discursos sobre união e colaboração.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Hiltor Mombach

Já era hora

Grêmio e a gestão da Arena Porto-alegrense, a OAS, quebraram os pratos. Já era hora. O motivo agora é simples: tem o dinheiro do seguro da enchente em jogo.

Aponte a câmera do seu smartphone para o QR Code acima e assista ao vídeo do colunista

Para mais conteúdos multimídia, siga o Correio do Povo nas redes sociais e plataformas de streaming de áudio:

Médicos surfistas auxiliam desalojados do RS

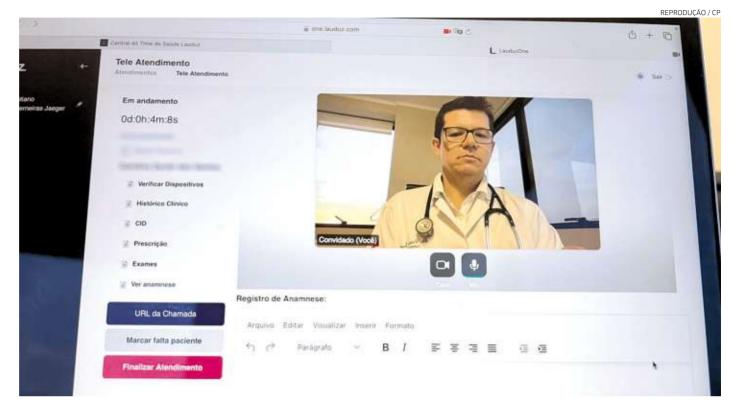
Vem das águas, um voluntariado ativo e empático que se alia à ciência e à tecnologia para enfrentar desafios em momento de crise, buscando garantir saúde a milhares de gaúchos impactados pelas cheias que atingiram o Estado

POR MARIA JOSÉ VASCONCELOS

Uma ótima ideia, muita vontade de somar auxílios e parceria propositiva permitiram colocar em prática um projeto de atendimento à saúde voltado a desabrigados das cheias no RS. A largada ocorreu neste mês, a partir do Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão (IDDC) e contando, inicialmente, com o trabalho de médicos da Abrasmed (Associação Brasileira de Surf Médico) e de um aplicativo desenvolvido pelo médico Wilson Zatt, de Santa Maria. A proposta então deslanchou em parceria com o Laboratório Aché e a Lauduz Telemedicina Avançada e com apoio da Associação Médica do RS (Amrigs) e das faculdades de Medicina das universidades federais do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

Caio Scocco, médico oftalmologista, coordenador da área de saúde no Instituto Dunga e integrante da Abrasmed, explica que, já na pandemia da Covid, integrantes da Abrasmed atuaram com telemedicina, em modelo que buscou atender quem precisava cuidar da saúde, mas devia seguir restrições sociais e isolamento. No caso das últimas cheias, que ainda mantêm desalojados milhares de gaúchos e que segue em algumas regiões, a proposta foi chegar em quem perdeu celular e/ou ficou sem condições, inclusive, de comunicação e de recursos. Foi aí que surgiu a proposta de utilizar um equipamento possível para abrigos. E a doação da Aché, para aquisição de equipamentos da empresa gaúcha Lauduz, permitiu adaptar o aplicativo a este novo contexto e mobilizar voluntários, contribuindo para facilitar o cuidado e acesso à saúde, totalmente gratuito e via voluntariado, em momento de crise.

Por meio da Abrasmed, Juliano Cardoso, presidente da Região Sul, fez um chamamento para trabalho médico voluntário do grupo surfista, que foi o primeiro organizado para atuar com telemedicina em meio à catástrofe ambiental. Caio destaca que "a Abrasmed foi nossa topa de elite a desbravar essa ação. E o médico cardiologista Cristiano Pederneiras Jaeger, de Porto Alegre, também da Abrasmed, foi o primeiro a prestar a modalidade, como projeto piloto, dentro do Abrigo Emergencial 60+, na rua João Pessoa, na Capital, no começo deste mês, através do Consultório Digital (tablet com equipamentos e acoplado por Bluetooth, ver box)".

REPRODUÇÃO / CP

Cardiologista Cristiano Jaeger, da Abrasmed, fez a 1ª teleconsulta mediada por equipamentos em momento de crise, em atuação pioneira piloto do projeto TeleMed SOS RS, que mobiliza médicos voluntários para ajudar em serviços de saúde.

A experiência piloto do projeto TeleMed SOS RS, de cerca de três dias, foi exitosa, agilizando o serviço que deve seguir durante dois meses. Dificuldade em dispor de qualidade em celular, sinal de Internet e equipamento para prestar atendimento em telemedicina foram questões consideradas para avançar nesta iniciativa, levando em conta que a maioria das vítimas das enchentes perdeu tudo, lembra Caio. Segundo ele, a telemedicina semipresencial via Consultório Digital já é adotada internamente, em algumas instituições, em ambiente controlado. No entanto, nunca foi adotada em cenário de crise como este.

DINÂMICA OPERACIONAL

Para o TeleMed SOS RS, hoje estão disponíveis 60 equipamentos, com 20 já instalados para o Consultório Digital. As enfermeiras Carolina Xavier e Eduarda Klein, do Instituto Dunga, são gestoras do projeto. Com a Amrigs, houve a capacitação de facilitadores (dentro dos abrigos), que organizam a demanda e ajudam os pacientes no acesso ao equipamento. O fluxo das consultas ocorre conforme a disponibilidade de médicos voluntários, que indicam o horário a doar para o projeto, sendo feita uma escala e acerto com o respectivo abrigo. Cada local tem sua dinâmica e, em abrigo ou centro comunitário participante, a pessoa interessada procura a coordenação e agenda a consulta. A ideia, de acordo com Caio, é funcionar em três turnos diários.

Atualmente, o projeto, que mobiliza 62 profissionais, precisa de mais voluntários e, agora, busca psicólogos. "A demanda pelo serviço é complexa", revela Caio, ao assinalar o uso dessa telemedicina para resolver casos mais simples e evitar colapso em saúde, tanto em Unidade Básica como sistema hospitalar. Assim, normalmente as consultas são voltadas a receitas, queixas, como dor de cabeça ou sintomas gripais, e relacionadas à saúde mental, por exemplo.

Esse projeto está sendo acompanhado por Ufrgs e UFCSPA, que irão relatar a experiência para o meio médico, com vistas a descrever resultados de forma científica, ampliando e qualificando o trabalho.

Projeto TeleMed SOS RS

- O Telekit (foto) já foi instalado em 20 locais, entre abrigos e centros comunitários participantes. E o Consultório Digital é um modelo de telemedicina semipresencial em que o paciente acessa equipamentos (kits com tablet, esfigmomanômetro e oxímetro), em aplicativo composto por lista de espera, prontuário eletrônico e sistema de prescrição *on-line*.
- A Abrasmed reúne, pelo esporte, médicos do país. Além de competições, promove encontros profissionais. No Sul, atua há 23 anos, a partir de amigos médicos com paixão pelo surf.
- Médicos que desejam se voluntariar podem se cadastrar pela plataforma do projeto (https://tinyurl.com/88w95ctc). E, agora, o projeto está em busca de psicólogos voluntários para participar dessa ação via Consultório Digital.
- Mais informes e contato: (51) 9733-0875 (WhatsApp).

EDUARDA KLEIN / INSTITUTO DUNGA-ABRASMED / CP

ANDRÉ DONADIO / GPA / CP

Levantamento da Remosul mostra prejuízos de mais de R$ 9 milhões em cinco clubes, entre eles o Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre

Clubes de remo se unem em prol dos afetados

Localizados às margens do Guaíba, os clube de regatas Guaíba-Porto Alegre e Grêmio Náutico União somaram forças com a Federação de Remo do Rio Grande do Sul para resgatar atletas e providenciar doações na Capital

POR FELIPE FALEIRO

Da mesma forma como ocorreu com muitos empreendimentos no Rio Grande do Sul, os clubes de regatas sofreram enormemente com as enchentes e, para aqueles à beira de importantes rios e demais cursos d'água, a tragédia foi amplificada. No Guaíba, em Porto Alegre, por conta da geografia, estes espaços formadores de pessoas, não somente atletas, integraram a primeira linha por onde a água passou antes de invadir o restante da cidade.

Um levantamento da Federação de Remo do Rio Grande do Sul (Remosul) mostrou que houve mais de R$ 9 milhões em prejuízos relatados por apenas cinco clubes de Porto Alegre e região metropolitana – na Capital, o Grêmio Náutico União (GNU) informou cerca de R$ 5 milhões, o Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre (GPA) R$ 3 milhões, o Almirante Barroso por volta de R$ 600 mil, o Vasco da Gama cerca de R$ 350 mil e a Associação Comunitária Amigos do Remo de Eldorado do Sul (Acares) R$ 100 mil em perdas.

Mas, além desse, também houve prejuízos em clubes de cidades como Pelotas, Estrela e Cachoeira do Sul. "Agora começamos a ver um horizonte melhor para todos nós, mas já estivemos piores", afirmou o presidente da Remosul, Werner Höher. A partir da tragédia sem precedentes, surgiu a união entre vários entes, desde atletas, equipes administrativas, entre outros, que, em Porto Alegre, puseram seus equipamentos na água espalhada dentro a cidade a fim de auxiliar nos resgates de pessoas ilhadas.

Entre eles, estiveram os remadores gaúchos Evaldo Becker e Piedro Tuchtentagen, que optaram por ajudar o Estado em vez de irem à final do Pré-Olímpico da modalidade, a fim de buscarem vagas para os Jogos Olímpicos de Paris. De volta aos clubes, o trabalho de recomposição será árduo e levará tempo, afirma Höher. "Tudo o que foi construído durante muitos anos foi destruído em poucos dias", relatou o presidente. Ele acrescenta que, logo nos primeiros dias da tormenta, os clubes se uniram e estabeleceram uma base na esquina da avenida Benjamin Constant com a rua Maranhão, próximo da Sogipa, no bairro São Geraldo, e onde a água também havia chegado. As equipes permaneceram no local durante cerca de 20 dias.

PREJUÍZOS A PROJETOS SOCIAIS

Höher relembra o resgate da família de um atleta na Vila Farrapos, comunidade em situação de vulnerabilidade social duramente atingida pela enchente. "Eram em torno de oito pessoas, entre eles três a quatro idosos. Conseguimos retirá-los e levamos para o abrigo do GNU, no bairro Moinhos de Vento." A situação adversa dos clubes de regatas se agravou tanto pela proximidade com a água quanto pelo treinamento de atletas de elite, que, conforme o presidente da Remosul, não pode parar, sob risco de prejuízos ao desempenho individual. "Um dia de treino perdido é demorado para recuperar. E isso também traz um sofrimento psicológico muito grande. O pessoal até pode participar de alguma competição individual até o final do ano. Mas, para esta performance ser restabelecida, deve demorar, no mínimo, mais uns dois anos", diz ele, que também é educador físico. Outro aspecto paralisado diz respeito à função social destes locais, também prejudicada pela tragédia do clima.

No GPA, por exemplo, praticamente todos os remadores são oriundos de projetos de assistência a comunidades carentes, como a já citada Vila Farrapos e a região do Arquipélago. Assim, o clube precisou se organizar no resgate destas pessoas e no encaminhamentos delas para abrigos ou para a casas de amigos ou parentes, e ainda o fornecimento de alguma assistência à medida que a inundação se desenrolava, segundo seu secretário-geral, o advogado e ex-remador Leandro Sales Rodrigues.

"Toda a nossa comunidade foi envolvida nesta situação, porém nunca houve a perda da motivação em ajudar", contou ele, ainda quando os membros do GPA não tinham condições de retornar à sede náutica para conferir a situação da mesma. Dias depois, eles voltaram e o cenário encontrado foi caótico. Conforme Rodrigues, a água subiu em torno de três metros, inundando ao menos o térreo e o segundo andar. Registros históricos foram deslocados ao terceiro e último andares e não foram atingidos. "Tu imagina três, quatro pessoas chegarem em um local com mais três ou quatro que já moram ali, sem mantimento, nem nada. Precisamos abastecer esta turma e foi então que organizamos este serviço humanitário", relata.

Rivalidade não, cooperação

Neste ponto, uma importante barreira foi quebrada e desconstruída uma antiga "rivalidade" entre o GPA e o GNU, embora esta expressão seja rechaçada pelo secretário-geral do primeiro, Leandro Sales Rodrigues. A questão tem raízes históricas e em comum, pois ambos foram fundados por imigrantes germânicos ou seus descendentes. O Guaíba-Porto Alegre em 1888, sendo o mais antigo clube de remo em atividade no Brasil, e o Náutico União em 1906. No entanto, o GPA terminou por se especializar mais neste esporte aquático, enquanto o GNU desenvolveu departamentos em diversas modalidades.

"Não há, digamos, rusgas entre nós, como é no Gre-Nal, por exemplo. Conseguimos inclusive pessoas do GNU para atuar junto, inclusive na doação de móveis que estamos entregando. Estou empolgado e com muita energia para ajudar. A gente está com um bom time. Centralizamos os trabalhos e, quanto tem entrega, chamamos mais gente e vêm prontamente voluntários dos clubes. É algo muito bonito", prosseguiu o integrante da diretoria do GPA. Uma das doações mais significativas, e que mostra esta integração, foi de dezenas de pias e balcões de cozinha entregues a membros da comunidade.

Entre pessoas dos dois clubes, cerca de 150 voluntários estiveram envolvidos em algum momento na ação. "Isso é algo que cresce. Em algum momento, evidentemente, isto para, só que o envolvimento foi de uma equipe bastante grande e que pegou junto. Não estamos sozinhos", disse Rodrigues. "As redes sociais nos ajudaram muito nesta comunicação. Se não houvesse esta situação de resgate de civis nesta primeira semana, certamente o número de mortes seria muito maior", pontuou.

O braço social do GPA é o Projeto Estrela Guia, no qual crianças do entorno da sede podem aprender o remo no contraturno escolar. Pouco antes da enchente, o clube tinha cerca de 20 jovens participantes, porém havia firmado uma parceria para agregar mais 60 de um colégio do bairro Santana. "Eles já tinham inclusive ônibus patrocinado pelo governo do estado", diz o secretário-geral. Com a tragédia climática, a ação foi suspensa.

Atleta campeã superou perdas

Uma das integrantes de mais destaque a passar pelo projeto é a atleta Luana de Souza Fagundes, 28 anos. A biomédica iniciou no Estrela Guia por volta de 2010, quando ainda estudava no Colégio Estadual Cândido José de Godói, no bairro Navegantes. Logo evoluiu no remo e ainda em 2012 foi campeã brasileira sênior. Passou pelo Grêmio Náutico União entre 2013 e 2016, obtendo mais títulos nacionais, e retornou ao GPA em 2017, colecionando novos troféus. Em 2022, depois de concluir a faculdade, participou do mundial de remo na República Tcheca, em dupla com a amiga Isadora Greve.

Natural da Vila dos Ferroviários, no Humaitá, onde ainda moram pai, mãe e dois irmãos, ela agora precisou encarar um novo e talvez maior desafio em sua vida. "Não imaginávamos que a enchente seria desta proporção. Conseguimos salvar meus pais, levamos para a casa de parentes, porém, achamos que seria tranquilo, que não iria piorar tanto. No outro dia, já tínhamos amigos do remo pedindo resgate, que estavam presos em casa com suas famílias", contou Luana, que hoje mora na área central da Capital, em local não afetado diretamente pela enchente.

Ela também relatou sobre a união dos clubes e da federação na disponibilização de botes, barcos, caiaques, jet skis e pranchas de stand up paddle, que percorriam as ruas locais, e disse ter sido intenso o trabalho no chamado "QG do remo" no bairro São Geraldo, onde também atuou. "Acabou se tornando uma rede de todos os clubes naquele primeiro momento". Após a obtenção das doações, os integrantes se juntaram para a limpeza das casas dos remadores atingidos. A equipe adquiriu um aparelho de lava-jato e estava na busca de obter materiais de construção a fim de reerguer as residências destruídas.

Porém, a tristeza também veio pela perda dos barcos de competição no Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre. Conseguimos salvar um (barco) *single skiff*, que é apenas para uma pessoa, e outros pouquíssimos. São equipamentos caros. Mas vamos reconstruindo aos poucos. Não podemos perder a esperança", diz a atleta multicampeã. Se há alguma vantagem advinda da catástrofe, está intimamente ligada à percepção histórica de cada clube, que viveu enchentes similares em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, ainda que menores, em décadas passadas.

"O clube vai se reerguer. O Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre já passou por isso em 1941 e quero inclusive rever as atas daquela época para ler o que ocorreu, o que fez quem esteve antes de nós", afirma Rodrigues. A fim de manter as memórias da enchente de 2024 vivas, a Federação de Remo do RS estuda desenvolver um documentário, além de juntar recursos para ajudar os empreendimentos na retomada. Para a posteridade, ficará também o caráter de respeito com o meio ambiente. "Este é um pedido que estamos fazendo, tentar fazer com que os praticantes de esportes náuticos, e que são apaixonados pelo rio, cuidem dele, preservem, não simplesmente virem as costas para ele, como essas estruturas que foram construídas no Guaíba, como ocorreu no passado", encerra Höher.

ANDRÉ DONADIO / GPA / CP

Clubes se uniram logo nos primeiros dias da tormenta para ajudar no regaste de pessoas que ficaram ilhadas por causa da enchente

Comitê Olímpico pede para brasileiros poderem competir

■ O Comitê Olímpico do Brasil (COB) pediu um convite à World Rowing, a Federação Internacional de Remo, para os brasileiros **Piedro Xavier Tuchtenhagen e Evaldo Mathias Becker** poderem competir na **Olimpíada de Paris-2024**, no próximo mês. A dupla deixou de disputar o pré-olímpico da modalidade, última chance para conquistar a vaga olímpica, para ajudar as vítimas das enchentes. Piedro e Evaldo abriram mão do torneio classificatório marcado para os dias 19, 20 e 21 de maio, em Lucerna, na Suíça.

Como medir o calor perigoso para a saúde

O estresse térmico ocorre quando os sistemas naturais de resfriamento do corpo ficam sobrecarregados, minando sua capacidade de regular a temperatura, o que provoca tontura, dores de cabeça, falência dos órgãos e morte

POR NICK PERRY / AGÊNCIA AFP

Temperaturas escaldantes, que tiraram milhares de vidas da Índia ao México, passando pela Grécia, marcaram o ano mais quente já registrado, enquanto especialistas apresentam recomendações para prever o limite do perigo.

O estresse térmico ocorre quando os sistemas naturais de resfriamento do corpo ficam sobrecarregados, o que provoca tontura, dores de cabeça, falência dos órgãos e morte. É desencadeado pela exposição prolongada ao calor e outros fatores ambientais que, juntos, minam a capacidade interna do corpo humano de regular a temperatura. "O calor é um assassino silencioso, porque os sintomas não são evidentes", explica Alejandro Sáez Reale, da Organização Meteorológica Mundial (OMM). Bebês, idosos, pessoas com problemas de saúde e trabalhadores ao ar livre são particularmente vulneráveis. Moradores das cidades, cercados por concreto, tijolos e outras superfícies que absorvem calor, também enfrentam riscos elevados. A OMM estima que o calor mate cerca de meio milhão de pessoas por ano, embora o número verdadeiro seja desconhecido e possa ser 30 vezes maior, segundo a organização.

À medida que as mudanças climáticas tornam as ondas de calor mais longas, intensas e frequentes, o planeta ficará cada vez mais exposto a condições que testam os limites da resistência humana.

NARINDER NANU / AFP / CP

Em Amritsar, na Índia, moradores se refrescam em chuveiros públicos durante a mais longa onda de calor que já atingiu o país

MAIS QUE TEMPERATURA

A temperatura é o dado meteorológico mais utilizado e de fácil compreensão, mas as "máximas históricas" que chamam a atenção não explicam totalmente como o calor pode afetar o corpo humano.

Por exemplo, a mesma temperatura pode ser sentida de forma muito diferente em um lugar em comparação a outro: 35º C em um deserto não é o mesmo que em uma floresta.

Para um panorama mais amplo, os cientistas consideram vários fatores além da temperatura, como a umidade, a velocidade do vento, o vestuário, a luz solar direta e até a quantidade de cimento ou vegetação na área. Todos esses fatores desempenham um papel importante na forma como o corpo percebe e, o mais importante, responde ao calor extremo.

Há muitas maneiras de medir o estresse térmico, algumas já existem há décadas, mas todas tentam simplificar diferentes leituras ambientais em um único número ou gráfico. Um dos métodos mais antigos é conhecido como temperatura de bulbo úmido, uma medida útil em situações nas quais a leitura do termômetro pode não parecer tão extrema, mas, combinada com a umidade, torna-se insuportável e até letal.

O "bulbo" é o reservatório de mercúrio de um termômetro tradicional, envolto em um pano úmido, cuja evaporação serve para medir a temperatura úmida do ar. Apenas seis horas de exposição a 35ºC com 100% de umidade são suficientes para matar uma pessoa saudável, disseram cientistas em 2023. Acima desse limite, o suor não consegue evaporar da pele e o corpo superaquece e morre.

O Copernicus, o observatório climático da UE, utiliza o Índice Térmico Climático Universal (UTCI, Universal Thermal Climate Index), que considera a temperatura e a umidade, mas também o vento, a luz solar e o calor irradiado para classificar os níveis de estresse térmico de moderado a moderado extremo. O estresse causado pelo calor extremo, segundo esse índice, ocorre quando a "sensação térmica" atinge 46º C ou mais, momento em que é necessário agir para evitar riscos à saúde.

O Índice de Calor (Heat Index), usado pelo Serviço Nacional de Meteorologia(NWS, National Weather Service) dos Estados Unidos, oferece uma "temperatura aparente" baseada no calor e na umidade na sombra e um gráfico codificado por cores que indica a probabilidade de doença por exposição. O Canadá desenvolveu a classificação Humidex, que combina calor e umidade em um único número para refletir a "sensação térmica".

LIMITAÇÕES

O especialista em ondas de calor John Nairn explica que algumas medidas funcionam melhor em alguns climas do que em outros. "As formas como são interpretadas não são as mesmas em todo o mundo", explica Nairn à AFP. O UTCI, por exemplo, é excelente para medir o estresse térmico na Alemanha, onde foi criado, mas é "uma medida muito fraca" em países do sul, disse. Nestes países, é melhor utilizar o método de temperatura de bulbo úmido.

Os cinco anos da Casa da Memória

Espaço da Unimed Federação RS, localizado na rua Santa Terezinha, bairro Farroupilha, se consolida no cenário cultural de Porto Alegre

NILTON SANTOLIN / DIVULGAÇÃO / CP

Ao inaugurar a décima exposição, 'Lutzenberger Universal', em abril deste ano, a Casa da Memória reafirma seu papel de centro cultural

Situada na verdejante rua Santa Terezinha, 263, no bairro Farroupilha, em Porto Alegre, a Casa da Memória Unimed Federação/RS celebra o quinto aniversário consolidada no panorama cultural da Capital. A visão do idealizador do projeto, Nilson Luiz May, médico, escritor e presidente da Unimed Federação/RS, mostra-se determinante para o sucesso da iniciativa, que se destaca pela preservação da memória do cooperativismo e do Sistema Unimed, mas também como um ambiente de celebração artística.

Desde a inauguração, em 25 de junho de 2019, a Casa da Memória transcende a ideia de um simples arquivo para se afirmar como um organismo pulsante de cultura, palco que já recebeu uma dezena de exposições de diferentes matizes. A primeira exposição aberta na casa em 2019 foi "Homo Machina nos 500 anos pós Leonardo da Vinci", de Paulo Favalli, com curadoria de José Francisco Alves. A mostra se estendeu de 25 de junho a 30 de setembro de 2019.

Com um acervo que inclui mais de 10 mil documentos entre atas, peças tridimensionais, obras bibliográficas e digitais, narra a trajetória da Unimed e do movimento cooperativista, funcionando não apenas como uma salvaguarda, mas como um portal para a exploração da memória coletiva.

A Casa expandiu sua estrutura em 2022, a partir da inauguração de prédio anexo ao casarão da década de 1930, tombado pelo município, por sua relevância arquitetônica. No anexo, são realizadas exposições temporárias, palestras, oficinas e iniciativas educativas. Conforme Nilson May, a ampliação é reflexo do compromisso da Unimed com a promoção da cultura e educação, em linha com a proposta de ser um espaço acolhedor para diferentes formas de expressão.

LUTZENBERGER UNIVERSAL

Ao inaugurar sua décima exposição, Lutzenberger Universal, em abril de 2024, numa homenagem ao arquiteto e artista plástico alemão José Lutzenberger, a Casa da Memória reafirma seu papel como centro cultural. A programação da mostra – que integra as comemorações do Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil – é composta, ainda, por visitas guiadas a obras de José Lutzenberger, como o prédio do Pão dos Pobres e a Igreja São José, além de mesas redondas para debater arquitetura e arte. Neste ano, a Casa da Memória ainda abrigou, até 26 de fevereiro, a mostra "# PW170A – No Campo dos Olhos – Obras de Pedro Weingärtner", com curadoria de José Francisco Alves e Marco Aurélio Biermann Pinto.

A consolidação do trabalho na Casa da Memória foi coroada, no início deste ano, com a outorga da Medalha Cidade de Porto Alegre, concedida pelo poder executivo municipal, simbolizando a contribuição da Unimed à cultura e ao desenvolvimento da cidade. Mais do que preservar o passado, a Casa da Memória Unimed Federação/RS é um elo entre gerações. A partir do planejamento estratégico para 2024-25, coordenado pelo responsável pelo espaço, Salus Loch, a Casa não se limita a ser uma fonte de pesquisa, guardiã de um legado. O espaço se projeta para o futuro, enfatizando o caráter multifacetado, protagonista na construção de um amanhã em que memória, cultura e cooperação andam de mãos dadas.

A Casa da Memória tem entrada gratuita e está aberta à visitação de segundas-feiras a sextas-feiras, das 13h às 18h. No primeiro e terceiro sábado de cada mês, abre das 10h às 14h. Mais informações sobre a Casa podem ser conferidas no Instagram @casadamemoriaunimedrs ou ainda pelo e-mail memoria@unimedrs.coop.br.

Luiz Gonzaga Lopes
@luizgonzagalopes_

50 Tons de novidades

As cantoras e instrumentistas Dejeane Arruée e Graziela Pires apresentam um pacote de novidades, a partir de julho, que inclui lançamento de single, o novo álbum "Dengo", produzido a partir de recursos do edital Natura Musical 2023, e uma turnê com shows no Estado e em São Paulo. A espera por novidades do 50 Tons de Pretas termina no dia 12 de julho com o lançamento do single "Oración nas plataformas digitais. A canção, versão bônus da música "Oração", que se conecta com o momento atual que o Rio Grande do Sul, dará um gostinho do novo trabalho.

"Oracíon" e "Oração" estão no novo álbum da dupla, "Dengo", que chega às plataformas digitais no dia 25 julho, o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Luta. Ancestralidade. Resistência. Amor. Algumas palavras que definem este segundo álbum autoral da 50 Tons de Pretas. Produzido com recursos do Natura Musical 2023, "Dengo" vem como mais um trabalho representando a resistência pela arte e que promete trazer temas de luta e um lado romântico das Pretas. A turnê de divulgação do disco tem o primeiro show marcado para 17 de julho, em Tupanciretã (RS). Em agosto, elas se apresentam em Porto Alegre, no dia 2, no Teatro do Ciee e, no dia 25, na Casa Natura, em São Paulo.

RICARDO LAGE / DIVULGAÇÃO / CP

Cantoras e instrumentistas Dejeane Arruée e Graziela Pires apresentam um single, um disco e uma turnê pelo RS e SP a partir de 12 de julho

PIX (CNPJ: 08.969.474/0001-58)

Feijoada Stravagante

A Cia Stravaganza realiza uma ação em prol dos artistas das artes cênicas afetados pelas enchentes em Porto Alegre. A primeira edição da Feijoada Stravagante será realizada no próximo sábado, 29 de junho, das 12h às 16h, na sede do Estúdio Stravaganza (Olinto de Oliveira, 66). Conforme os integrantes do grupo, o evento é uma oportunidade de reencontro e para dar início ao recomeço e para contribuir com os colegas do teatro que sofreram perdas em seus espaços de trabalho ou moradia. Na primeira edição da Feijoada Stravagante, a alegria do reencontro está garantida com a apresentação de Laurita Leão e performances de Lady Cibele e Glória Crystal, além da leitura de cartas de Madame Zara. A feijoada completa será coordenada pelo ator Duda Cardoso. Ingressos em sympla.com.br.

+ roteiro de domingo

KETER VELHO / DIVULGAÇÃO / CP

‘Violeta Parra’ para o público de um abrigo

Neste final de semana, a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz e os seus amigos músicos e compositores Johann Alex de Souza, Mário Falcão e Carlos Eduardo Falcão deram início a um circuito de apresentações em abrigos para os atingidos da enchente. O Sarau Ói Nóis Aqui Traveiz teve início no sábado e segue neste domingo, 23, a atração principal será “Violeta Parra – Uma Atuadora”, às 15h , no Vida Centro Humanístico (Baltazar Oliveira Garcia 2132). A performance cênico musical se solidariza com o povo chileno neste momento de luta por melhores condições de vida e apresenta repertório que mistura o andino com ritmos brasileiros na voz da atuadora Tânia Farias e do violonista e compositor Mário Falcão. Com viés mestiço a performance veste as canções deste ícone da arte da América do Sul. Cantora e violonista desde criança, Violeta pesquisou ritmos, danças e canções populares, transformando-se em ponta de lança do movimento da “nueva canción” que projetou a música chilena no mundo. É muito conhecida no Brasil pelas composições “Gracias a la Vida” e “Volver a los 17”.

ADEMAR JÚNIOR / DIVULGAÇÃO / CP

Recomeça Teatro no Sesc

Neste final de semana, o Teatro do Sesc (Alberto Bins, 665), em Porto Alegre, recebe atrações artísticas do projeto "Recomeça Teatro". A iniciativa tem o objetivo de incentivar a retomada do setor cultural após as enchentes, com produções da Capital e Região Metropolitana, e ingressos solidários. No domingo, 16h, será apresentada a peça infantil "As Gineteadas do Valente Toninho Corre Mundo na Estância de Cidão Dornelles", do Grupo Tia (foto). As entradas são mediante doação de 1kg de alimento ou um produto de limpeza.

FEIJÃO / DIVULGAÇÃO / CP MEMÓRIA

Rua Aberta em Gravataí

Uma edição especial da Rua Aberta de Gravataí acontece neste domingo, às 10h, na av. Dorival de Oliveira, em frente ao Parcão (parada 79). O evento será Rua Aberta para o Rio Grande, pois receberá participantes de outros municípios. A atração mensal da prefeitura de Gravataí, terá estas atrações: Laura Guedes (14h), Coral Carlos Bina (14h30), Grupo Garrão de Potro (15h), Cadica Danças e Ritmos (foto, 15h45min), Maurício Sonnenberg (16h15min), Casa dos Açores (17h), Gabbi Rosa (17h30min), CTG Aldeia dos Anjos (18h15min) e Vinny Lacerda (19h).

+ palavras cruzadas

A ordem religiosa dos capuchinhos · Integra a comissão técnica esportiva · Fazer concordar · Navegante · Carlos Saldanha, cineasta de "Rio" · Criações do Teatro popular italiano · Cuidado, em inglês · Comprovante do trabalho formal · O começo do dia · Tipo de saia em formato de cone · Apreciar muito · Gritos de dor · Escassa · Animal símbolo da Rússia · Onomatopeia do pintinho · Formato do rodo do crupiê · A fêmea que está prestes a dar à luz · Elemento que forma o cálice das flores · "(?) de Vencer", de Arthur Riedel · (?) na manga: a "arma secreta" · Argolas · Ciência de Fibonacci (abrev.) · Tristemente afamado (pop.) · Área amazônica alagada (bras.) · Regime de governo oposto à ditadura · Interjeição que exprime surpresa · És-sudeste (abrev.) · "Grande", em "megalomania" · Suportes de livros em um recinto · Canção, em inglês · Adubo artificial · Plínio Salgado, líder integralista · (?) Mendes, cidade do Sul de MG · Jornada · Museu do Aterro do Flamengo (RJ) · Substância de vidros · Deus, em inglês · Medida de avaliação anual feita pela ONU · Amiga (?), fruto da fantasia infantil · Modelo religioso · Sítio sagrado do Islã em Jerusalém · Letra enfatizada na fala do alemão · "Checklist" levado ao supermercado

BANCO 3/god. 4/boro — care — song. 5/guano. 6/sépala. 11/domo da rocha.

14

SOLUÇÃO DE SÁBADO

TELEVISÃO DE DOMINGO

2 | RECORD RS
06h00 - Programa do Templo
07h00 - Santo Culto
08h30 - Iurd
09h00 - Trilegal Tchê
10h00 - Trilegal
11h00 - Pica Pau
11h15 - Todo Mundo Odeia o Chris
14h00 - Cine Maior
15h30 - Hora do Faro
18h00 - Canta Comigo
19h30 - Domingo Espetacular
23h00 - A Grande Conquista
23h45 - Câmera Record

18 | RECORD NEWS
07h00 - Brasil Caminhoneiro
07h30 - Hora News
08h00 - Agro Record News
09h00 - Estado de Excelência
09h30 - Agro, Saúde e Cooperação
10h00 - Momento Moto
10h30 - Hora News
12h30 - Camera Record News
13h30 - Hora News
14h00 - Câmera Record
15h00 - Hora News
15h30 - DOC Investigação
16h30 - Ressoar
17h30 - Record News Investigação
18h20 - Record News Séries
19h00 - Soltando os Bichos
19h30 - Aldeia News
20h30 - Record News Repórter
21h30 - Câmera Record
22h30 - Domingo Espetacular
01h30 - Nosso Tempo

4 | PAMPA
07h00 - Pampa Show
09h00 - Programa Religioso
10h00 - Tri Legal
11h00 - Pampa Show
16h00 - A Hora do Zap
17h00 - Geral do Povo Ao Vivo
20h15 - João Kleber Show
23h00 - Pampa Show
23h30 - Mega Senha – Reprise
00h40 - João Kleber Show

5 | SBT
07h00 - Pé na Estrada
07h30 - SBT Agro
08h00 - SBT Sports
09h00 - Notícias Impressionantes
09h20 - Anonymus Gourmet
09h45 - Na Beira do Fogo com El Topador
10h15 - Masbah!
11h00 - Sorteio da Tele Sena
11h15 - Domingo Legal
15h30 - Eliana
19h15 - Roda a Roda Jequiti
20h00 - Programa Silvio Santos

7 | TVE
07h00 - Cantos do Sul da Terra
08h00 - Rio Grande Rural
09h00 - Agronacional
09h45 - Canto e Sabor do Brasil
10h45 - Liga de Basquete Feminino - Quartas de Final - SESI Araraquara x Blumenau
13h00 - Samba na Gamboa
14h00 - Sessão de Cinema
18h00 - Série B Vila Nova (GO) x Goiás
20h30 - No Mundo da Bola
21h30 - Primeira Pessoa
22h00 - Observatório Iecine
22h30 - Cantos do Sul da Terra
23h30 - Arraiá Brasil - Caruaru

10 | BAND
07h00 - Entre Amigos
08h00 - Band Motores
08h30 - Boca no Trombone
09h00 - Tri Legal Tchê
09h30 - Formula 1 - GP da Espanha
12h00 - Viva Sorte
13h30 - Show do Esporte
12h20 - Copa Truck - Potenza (MG)
13h30 - Show do Esporte
15h45 - Campeonato Brasileiro Série B - Ao Vivo Chapecoense x Paysandu
18h00 - Apito Final
20h00 - Perrengue na Band
22h00 - Top Cine
23h30 - Canal Livre

12 | RBS
06h00 - Galpão Crioulo
07h20 - Pequenas Empresas & Grandes Negócios
08h05 - Globo Rural
09h25 - Auto Esporte
10h00 - Esporte Espetacular
12h30 - Temperatura Máxima
14h20 - Domingão Com Huck
15h40 - Futebol - Brasileirão - Fluminense x Flamengo
18h10 - Domingão Com Huck
20h30 - Fantástico
23h35 - No Corre - Partiu Entrega

RICARDO GIUSTI

Um estrago de R$ 25,5 bi ao agro gaúcho

Valor é estimado em estudo de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que avalia também os impactos da tragédia climática no Estado sobre o solo e nutrientes fundamentais à fertilidade da terra

POTI SILVEIRA CAMPOS

Estudo produzido por professores da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul estima em, pelo menos, R$ 25,5 bilhões as perdas sofridas pela agropecuária gaúcha em decorrência das chuvas, inundações e enchentes ocorridas ao longo do mês de maio deste ano em mais de 400 municípios do Estado. O rombo financeiro é mais do que o dobro (118%) do orçamento público de Porto Alegre para 2024. Em outra comparação, o estrago chega a 28,5% do valor bruto da produção agropecuária gaúcha para o ciclo 2023/2024, calculado em R$ 89,5 bilhões por instituições como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Embrapa, Emater/RS-Ascar e Instituto Rio Grandense do Arro (Irga). De acordo com os autores do estudo, o montante não considera as perdas em produtos como leite, aves, ovos, suínos, ovinos, madeiras, erva mate, além de outros voltados às áreas de zootecnia e de engenharia florestal.

Os R$ 25,5 bilhões resultam da soma de R$ 19,4 bilhões, correspondentes ao prejuízo com produtos agrícolas não colhidos, não pastejados ou com perda de qualidade, e de mais de R$ 6 bilhões relativos à devastação do solo e eliminação de nutrientes fundamentais à fertilidade. A camada superficial, de até 20 centímetros de profundidade, de uma área de 106,8 mil hectares, teria sido levada pela enxurrada, indica o artigo "Maio vermelho: o impacto do evento climático extremo na agropecuária gaúcha", concluído no início de junho.

Os autores, os professores Renato Levien, Michael Mazurana e Pedro Selbach, são vinculados ao Departamento de Solos da instituição de ensino e integram a Associação de Conservação de Solo e Água, entidade fundada há cerca de um ano, reunindo pesquisadores de instituições como Emater/RS-Ascar, Embrapa, universidades e produtores rurais.

Para o estudiosos, o mês da catástrofe climática é o "maio vermelho", em referência ao "novembro vermelho" de 1978, quando a passagem do El Niño pelo Rio Grande do Sul resultou no que era, então, um "capítulo sem precedentes" em relação à perda de solo por erosão hídrica. Avaliação da época calculou em 33 milhões de dólares – R$ 178,5 milhões, considerando a cotação da moeda americana em R$ 5,41 – o custo do dano sofrido em todo o Rio Grande do Sul naquele mês de novembro.

O levantamento de Levien, Mazurana e Selbach aborda os efeitos das precipitações pluviométricas recordes em cada uma das sete mesorregiões gaúchas – Metropolitana, Nordeste, Noroeste, Sudoeste, Sudeste, Centro Ocidental e Centro Oriental (veja gráfico nas páginas seguintes). "Em algumas mesorregiões, o volume precipitado foi quase a metade do volume esperado para o ano todo. Soma-se a isso o fato de que esses volumes ocorreram em um curto espaço de tempo, não tendo o solo qualquer condição de conseguir infiltrar e translocar toda essa água para seu interior, levando à sobra e ao escoamento superficial, potencializando a erosão hídrica dos solos cultivados ou não", diz o texto.

As perdas de produtos foram maiores nas regiões Noroeste, com R$ 5 bilhões (26%), Metropolitana, R$ 3,3 bilhões (17%), e Sudeste, R$ 31, bilhões (16%). A cultura da soja, que tinha 25% da área plantada de 6,7 milhões de hectares a ser colhida, foi a mais atingida em todas as sete regiões, seguido de arroz, cuja colheita havia atingido 84% da área destinada, e milho, com 15% ainda aguardando para ser retirado dos campos. Até a tragédia climática, o Rio Grande do Sul vivia a expectativa de uma super safra de grãos, estimada pela Emater, em março deste ano, em 35 milhões de toneladas. Vinte e dois milhões de toneladas eram esperados apenas na cultura da oleaginosa, que acabou fechando a colheita após o desastre ambiental em pouco mais de 19 milhões de toneladas, índice atingido graças à alta produtividade das lavouras (de cerca de 5 toneladas por hectares que conseguiram ser colhidas especialmente em municípios onde se concentra a maior produção

Em relação ao solo, novamente Noroeste lidera o ranking do prejuízo, com 35,2% da área total atingida no Estado, à frente de Sudoeste (18,3%) e Centro Ocidental (14%).

OS NÚMEROS DA DESTRUIÇÃO

O impacto do desastre climático sobre a agropecuária gaúcha:

R$ 19,4 bilhões

é a estimativa financeira de perda física por produtos não colhidos, não pastejados ou com baixa qualidade

106,8 mil hectares

é a estimativa de área com perda da camada superficial, de até 20 centímetros de profundidade, levada pela enxurrada

R$ 25,5 bilhões

é a estimativa total de perdas físicas de produção, de solo e nutrientes

R$ 6 bilhões

é a estimativa financeira relativa à devastação do solo e de nutrientes

FONTE: PROFESSORES RENATO LEVIEN, MICHAEL MAZURANA E PEDRO SELBACH, DO DEPARTAMENTO DE SOLOS DA FACULDADE DE AGRONOMIA DA UFRGS

COMO FOI FEITA A ESTIMATIVA

Os esforços que resultaram na produção artigo "Maio vermelho: o impacto do evento climático extremo na agropecuária gaúcha", dos professores Renato Levien, Michael Mazurana e Pedro Selbach, do Departamento de Solos da Faculdade de Agronomia da UFRGS, foram realizados com o objetivo de constituir uma base de dados sobre a extensão dos danos à agropecuária do Estado, provocados pelos fenômenos climáticos do mês passado. A base de dados contempla as sete mesorregiões do Rio Grande do Sul, incluindo dados geopolíticos, volumes de precipitação pluviométrica, classes de solos predominantes, culturas agrícolas e suas respectivas áreas semeadas e colhidas, tipos de cobertura de solo predominante, estimativa de perda de solo e o valor dos produtos agropecuários e da terra.

"Especificamente se buscou estimar e dar um valor monetário à perda física dos produtos não colhidos ou colhidos com baixa qualidade e às perdas de solo e de nutrientes por erosão hídrica, para que esses valores pudessem ser comparados com a renda bruta prevista com a venda dos principais produtos produzidos em cada mesorregião", diz o texto. No cálculo da previsão das receitas foi considerada a produção de grãos de soja, milho, arroz, de folhas da cultura do fumo, produção de frutas e hortaliças e de ganho de peso vivo de bovinos de corte que se alimentam de forragens, seja de campos naturais, pastagens cultivadas, com ou sem complementação de silagem, especialmente de milho.

O primeiro passo foi levantar o número de hectares cultivados e a produtividade média de cada cultura nas diferentes mesorregiões. De posse da produção esperada, o volume foi multiplicado pelo respectivo valor atual de mercado, obtendo-se o valor bruto de renda estimado dos produtos. Foi realizado um levantamento com técnicos de cooperativas, cerealistas, Emater e produtores rurais. A diferença foi considerada como sendo a perda física dos produtos. Calculou-se então, o percentual estimado de perda física dos produtos, seja por produtos não colhidos ou pastejados por motivo de inundação, arraste por enxurrada ou solo encharcado, bem como perda da sua qualidade e preço. As quantidades de produtos perdidos e ou danificados severamente foram multiplicados pelo seu preço atual, resultando no valor de R$ 19,4 bilhões, equivalente a 22,8% do valor da produção bruta da agropecuária gaúcha, projetada para R$ 85 bilhões com os produtos considerados no estudo. Incluídos mais R$ 6 bilhões referentes a perda com solo e nutrientes.

MAIO VERMELHO NAS MESORREGIÕES GAÚCHAS

1 SUDOESTE

19 municípios
18% da população do RS

Área total: 6,26 milhões de hectares
Área cultivada: 5,07 milhões de hectares
Perda de solo: 36,9 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 7,3 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 1,1 bilhão

Culturas mais atingidas: Soja, Arroz, Milho, Frutas

Precipitação no período*: De 300 mm a 600 mm
Precipitação normal: 116 mm

2 CENTRO OCIDENTAL

31 municípios
5,1% da população do RS

Área total: 2,59 milhões de hectares
Área cultivada: 1,84 milhão de hectares
Perda de solo: 33,1 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 17,9 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 849 milhões

Culturas mais atingidas: Soja, Arroz, Milho, Frutas

Precipitação no período*: De 400 mm a 700 mm
Precipitação normal: 138 mm

3 NOROESTE

216 municípios
18% da população do RS

Área total: 6,49 milhões de hectares
Área cultivada: 5,67 milhões de hectares
Perda de solo: 66,9 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 11,8 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 2,12 bilhões

Culturas mais atingidas: Soja, Milho

Precipitação no período*: De 550 mm a 900 mm
Precipitação normal: 144 mm

4 SUDESTE

25 municípios
8,5% da população do RS

Área total: 4,25 milhões de hectares
Área cultivada: 2,36 milhões de hectares
Perda de solo: 21,3 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 9,1 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 412,3 milhões

Culturas mais atingidas: Soja, Arroz, Milho, Frutas

Precipitação no período*: De 250 mm a 350 mm
Precipitação normal: 114 mm

5 CENTRO ORIENTAL

54 municípios
7,3% da população do RS

Área total: 2,59 milhões de hectares
Área cultivada: 820 mil hectares
Perda de solo: 16,4 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 20 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 481 milhões

Culturas mais atingidas: Soja, Arroz, Milho, Fumo, Frutas

Precipitação no período*: De 600 mm a 800 mm
Precipitação normal: 138 mm

6 NORDESTE

54 municípios
9,9% da população do RS

Área total: 2,57 milhões de hectares
Área cultivada: 1 milhão de hectares
Perda de solo: 12,3 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 11,8 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 426 milhões

Culturas mais atingidas: Soja, Milho

Precipitação no período*: De 500 mm a 700 mm
Precipitação normal: 120 mm

7 METROPOLITANA

98 municípios
44,5% da população do RS

Área total: 2,97 milhões de hectares
Área cultivada: 2 milhões de hectares
Perda de solo: 26,3 milhões de toneladas
Média de perda de solo por hectare: 13 toneladas
Valor da perda de solo e nutrientes: R$ 643 milhões

Culturas mais atingidas: Soja, Arroz, Milho, Fumo

Precipitação no período*: De 300 mm a 400 mm
Precipitação normal: 144 mm

NOROESTE (3) · NORDESTE (6) · SUDOESTE (1) · CENTRO OCIDENTAL (2) · CENTRO ORIENTAL (5) · METROPOLITANA (7) · SUDESTE (4)

* Do dia 1º de abril ao dia 5 de maio

QUEBRA NA PRODUÇÃO

As perdas por produtos não colhidos ou de baixa qualidade, por mesorregião, em relação ao total do Estado

Mesorregião	%
Sudeste	13%
Noroeste	26%
Centro Oriental	17%
Sudoeste	11%
Centro Ocidental	12%
Nordeste	5%
Metropolitana	16%

TERRA DEVASTADA

As perdas de solo e de nutrientes por região em relação ao total no Estado

Região	%
Sudeste	6,8%
Noroeste	35,2%
Centro Oriental	8%
Sudoeste	18,3%
Centro Ocidental	14%
Nordeste	7%
Metropolitana	10,6%

Oito mil anos para recuperação total do solo

Cada centímetro da camada superficial da terra, levado pela enxurrada de maio, exige 400 anos para ser reconstituído pela natureza, destaca estudo produzido por professores da Faculdade de Agronomia da UFRGS

Apesar de a perda de solo e nutrientes representar um prejuízo financeiro menor na comparação com as produções agropecuárias arruinadas, a devastação da superfície natural é definida como o dano mais grave à atividade rural decorrente da enchente de maio. A avaliação é dos professores Renato Levien, Michael Mazurana e Pedro Selbach, do Departamento de Solos da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e integrantes da Associação de Conservação de Solo e Água. Nos cálculos dos professores, a perda de produtos chegou a um valor de, pelo menos, R$ 19,4 bilhões. Em relação ao estrago provocado na terra, o prejuízo é estimado em mais de R$ 6 bilhões. A diferença matemática tem uma contrapartida: o solo é um recurso natural não renovável.

"Os nutrientes podem ser repostos com maior facilidade, mas o solo precisa de um tempo entre 300 e 400 anos para recompor cada centímetro perdido", explica Levien. No estudo "Maio vermelho: o impacto do evento climático extremo na agropecuária gaúcha", os professores apontam que 106,8 mil hectares das sete mesorregiões gaúchas tiveram até 20 centímetros da camada superficial levados pela enxurrada. Nas áreas na qual a erosão atingiu os 20 centímetros, a recuperação natural exigirá oito mil anos.

SEM RECEITA

A reconstituição da fertilidade será mais rápida, mas exigirá um aporte de R$ 2,2 bilhões, "sem considerar os custos de frete dos insumos e distribuição nas lavouras", diz o texto do artigo. "Vamos ter de trabalhar isso durante muito tempo, mas a característica original do solo estará completamente alterada", afirma Selbach, salientando que "não há receita de bolo" para solucionar a questão. Cada região, exigirá uma atenção específica. "O solo do Planalto tem uma profundidade de quatro ou cinco metros. Os solos das regiões mais de coxilha são muito rasos. Têm 40 ou 50 centímetros de profundidade", diz Levien.

ARQUIVO PESSOAL/CP

Da esquerda para direita, os professores Pedro Selbach, Renato Levien e Michael Mazurana, responsáveis pelo estudo Maio Vermelho

Para estabelecer o custo de mais de R$ 6 bilhões relacionados à perda de solo e nutrientes, os pesquisadores observaram a extensão de terra atingida, à qual foi atribuída o preço de mercado praticado em cada mesorregião. Na conta dos nutrientes, o estudo considerou a presença de substâncias como fósforo, potássio, cálcio, magnésio e o teor de matéria orgânica, para cálculo do nitrogênio. Baseados nas toneladas de solo perdidas por erosão e no teor dos nutrientes, calculou-se a perda sendo depois transformados em fertilizantes e corretivos empregados por agricultores.

O QUE FAZER

Os esforços futuros, sugeridos pelos professores, incluem a revisão do uso do solo, com envolvimento das instituições de ensino e de pesquisa para estimular o emprego de conceitos existentes há muito tempo. "Temos de rever o uso do solo. O uso racional é dentro do sistema de plantio direto. Esse sistema é muito mais do que a máquina, ou a semeadora, entrando para fazer o serviço. Isso é apenas uma parte. Vamos precisar avaliar a implantação de contenção de escorrimento de água, por meio de processos mecânicos. Entram aí os ditos terraços com correto dimensionamento. Além disso, a questão do não revolvimento, da resteva, do aumento de carbono no solo, que é extremamente importante. Temos de incentivar que se trabalhe nisso. Estamos falando nisso há, pelo menos, 50 anos. Mas o imediatismo e o dinheiro têm falado mais alto", enfatiza Mazurana.

Outro aspecto é examinar a adequação do solo à cultura nele trabalhada. "Cada pessoa tem sua aptidão. Assim ocorre com o solo. Cada gleba tem sua aptidão. Com a mecanização, ficou muito fácil trabalhar em áreas que não têm aptidão. É o caso da fruticultura praticada em locais muito íngremes, com solo muito raso, sem aptidão para sustentar uma árvore daquele tamanho", acrescenta Levien.

Inverno seco deve anteceder volta do La Niña

Boletim divulgado pelo serviço de meteorologia da Secretaria de Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação indica uma estação com menos chuvas e temperaturas mais baixas, inclusive com ocorrência de geadas

FERNANDO DIAS/SEAPI/DIVULGAÇÃO/CP

CHUVA
- Julho: Próxima da média histórica em todo Estado.
- Agosto: Inferior à normalidade em todas as regiões, especialmente no Norte.
- Setembro: Volumes abaixo da média em todo Estado.

TEMPERATURA
- Julho: Abaixo da normalidade, com maior evidência na Fronteira Oeste e Missões.
- Agosto: Temperaturas inferiores à média em todas as regiões e valores menores na Fronteira Oeste, Missões e Alto Uruguai.
- Setembro: Valores abaixo do esperado em todo Estado.

Depois de um outono que jamais será esquecido pelo gaúchos, com um volume de chuvas maior que o do ano inteiro esperado para o Rio Grande do Sul, o Estado iniciou, na última quinta-feira, dia 20, o inverno de 2024. A estação, de acordo com o meteorologista da Secretaria de Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), Flávio Varone, terá temperaturas e precipitações abaixo da média. "Ou seja, diminuição da chuva e dias mais frios", explica.

Varone ressalta que nos meses de julho, agosto e setembro os gaúchos verão o encerramento fenômeno El Ninõ. Até a metade da estação, o Estado viverá um período de neutralidade climática, o que será determinante para a ocorrência de chuvas regulares e próximas da normalidade no mês de julho. "As projeções dos modelos de clima indicam o retorno do fenômeno La Niña entre os meses de agosto e setembro", ressalta. O La Niña se caracteriza por períodos maiores sem chuva e costuma marcar os anos em que o Rio Grande do Sul sofre com estiagens, podendo variar em intensidade.

O meteorologista antecipa que a parte final do inverno, nos meses de agosto e setembro, deverá apresentar a redução das precipitações e trazer de volta volumes de chuva abaixo da média. "O prognóstico das temperaturas médias destaca que o trimestre deverá apresentar valores inferiores à média durante todo trimestre, e essa condição proporcionará ondas de frio mais intensas e poderá ocasionar eventos de geadas mais frequentes", completa.

Após outono marcado por precipitações intensas e enchentes, o Rio Grande do Sul poderá enfrentar ondas intensas de frio no trimestre, especialmente em regiões como a Fronteira Oeste, as Missões e o Alto Uruguai

COTAÇÕES & MERCADO

PREÇOS AO PRODUTOR (em R$) — Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	108,00	110,89	117,00
Boi gordo	kg vivo	8,00	8,49	9,50
Búfalo	kg vivo	6,00	7,01	8,30
Cordeiro p/ abate	kg vivo	7,00	8,24	10,00
Feijão	saco 60 kg	160,00	266,25	510,00
Milho	saco 60 kg	54,00	57,16	73,00
Soja	saco 60 kg	121,00	124,43	132,00
Suíno	kg vivo	4,55	5,12	5,40
Trigo	saco 60 kg	65,00	67,93	71,00
Vaca	kg vivo	7,00	7,42	7,75

Semana de 17/06/2024 a 21/06/2024

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	10.033,3	10.395,7
Feijão	3.040,6	3.331,3
Milho	131.865,9	114.144,3
Soja	154.617,4	147.353,5
Trigo	10.817,5	9.065,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	1.479,6	1.591,6
Feijão	2.693,6	2.844,7
Milho	22.267,4	20.837,6
Soja	44.075,6	45.978,0
Trigo	3.450,5	3.078,4

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	6.934,4	7.083,1
Feijão	72,7	75,4
Milho	3.731,8	4.914,7
Soja	13.018,4	20.193,2
Trigo	5.732,6	4.187,0

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2022/23	Safra 2023/24
Arroz	862,6	900,6
Feijão	47,6	48,5
Milho	831,5	814,9
Soja	6.555,1	6.764,9
Trigo	1.454,6	1.342,0

Dados do 9° Levantamento de Safra 2023/2024 da Conab

CAMPEREADA

PAULO MENDES
pmendes@correiodopovo.com.br

EDUARDO ROCHA / ESPECIAL /CP

Há muito tempo, se contava que alguns povos mudavam primeiro a maneira de sonhar para, só depois, mudar a maneira de fazer.

Dom Pedroso volta pra casa

No mundo, existe o fim e o começo de tudo. Primeiro, ocorre a formação das coisas, o entendimento, o entrelaçamento dos códigos, a criação disso e daquilo. É o alvorecer. Depois, para além das eras e guerras, as civilizações se aniquilam, os astros explodem e tudo termina como que por encanto. É o entardecer. Mas entre uma ponta e outra, entre o ponteiro e a culatra dessa tropa celestial, está o entremeio, o que se desenvolve durante os milhares e milhares de anos, o que ocorre entre a saída e a chegada. Isso fica entre o dia e a noite, o Sol e a Lua, se desenvolve nas raízes lá do fundo e, lá no alto, as asas batendo, entre a porta do galpão e a porteira da estrada. São foices, machados, enxadas, talas, rédeas, freios, laços, argolas, cascos, aspas. São "palabras", dizia dom Pedroso.

Se não é o fim – ainda – e nem no começo – por "supuesto" –, estamos onde? Em círculos. Vamos e voltamos, perambulando, mesmo às vezes sem sair do lugar. Por isso, dom Pedroso, o filho, a nora e o casal de netos retornaram para "La Esperanza", ali naquele distrito querido e abençoado, na costa do rio Uruguai. Ocorre que uma noite, dormindo sob o lonão na beira da BR 116, ali na entrada da Capital, percebeu que ainda estava vivo. Aquilo que estavam passando não era justo. O filho era jovem, um peão macanudo, a nora, uma moça loira e forte que viera da Serra, os netos iam gostar de crescer entre animais, na Campanha. Agora, tinha até um ônibus da prefeitura que buscava as crianças para estudar na cidade. As coisas haviam mudado. Um filho do doutor Maneca ficara tocando a propriedade que, agora, se chamava agropecuária, com grandes plantações de arroz, milho e soja.

Quando as águas baixaram de vez, depois que as estradas foram parcialmente consertadas, juntaram o pouco que tinham e pegaram um ônibus até a Fronteira. O patrãozinho foi buscá-los na rodoviária. Quando avistou a estância, em riba do coxilhão, ao longe, lembrou-se de um verso antigo de Aureliano de Figueiredo Pinto, aquele poeta de Santiago do Boqueirão, que nascera noutra fazenda, entre Júlio de Castilhos e Tupanciretã, a São Domingos. Era mais ou menos assim: "Ali tinha se criado/ Tranqueando no peticito/ Ali ficara mocito/ Algo meio entonadito/ Mas muito considerado.../ Do açude grande da frente/ Aquela água era sua/ Pra alivianar a bagualada/ E adonde de madrugada/ Nadava em noites de lua... /Como ele amava esta estância/ Muito mais do que o patrão/ Foi ali que se fez homem/ De piazito a gauchão...".

Depois dos temporais, as coisas se acomodam. Homens emponchados carregam o fogo sob a chuva de junho. Distante, uma tropa de lombo suado desliza em cima de um pontilhão e se ouvem latidos de cachorros, estalos de relhos e gritos. Em comitiva, a gauchada nunca olha para trás. Agora, dom Pedroso sonha deitado nesse catre com colchão de palha e travesseiro de penas. Há muito tempo, se contava que alguns povos mudavam primeiro a maneira de sonhar para, só depois, mudar a maneira de fazer. Sonhando, dom Pedroso muda sua vida e de seus descendentes. Às vezes, é preciso mudar o sentido das palavras. O velho gaúcho está em casa, na sua terra. Nela, seguirá sonhando.